Ano 16.º — Sabado, 1 de Setembro de 1923 — N.º 792

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE DA EMPREZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões—AVEIRO.

Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

Zaragata

Porque o poder central tivesse acabado com aquilo a que se convencionou chamar o *pão politico*, o operariado de Lisboa veio para a rua, fez barulho, atirou bombas e só não levou por deante o exterminio de muita gente naturalmente devido a faltarem-lhe as forças para tanto. Contudo agitou e ainda fez das suas, obrigando o governo a adoptar medidas energicas para manter a ordem.

Ora nós não somos, nunca fomos, contra os que trabalham e na atual conjuntura, cheia de dificuldades, pretendem lavrar o seu protesto contra aqueles que se reconheça serem responsaveis por a situação calamitosa em que nos encontramos. Mas admitir o emprego da bomba, esse crime hediondo, repugnante, tão cheio de imprevistas consequencias, para conquistar as regalias que nos são devidas, não, mil vezes não.

O país está naturalmente revoltado por os seus governantes ainda não terem resolvido os problemas que mais interessam á economia ou sejam aqueles que implicam com a parte financeira da nação. O país não compreende já que o agravamento da vida prosiga sem um entrave, sem haver quem lhe ponha côbro. Todavia reprova o emprego dos meios violentos, sobretudo o emprego da bomba, para atingir um *desideratum* que a todos beneficie igualmente visto todos termos direito á vida.

Com zaragata não se faz obra limpa, em termos. As revoluções estão desacreditadissimas entre nós porque tambem só teem servido para arranjos individuaes em vez de aproveitarem á comunidade em nome de quem são trazidas para a rua.

De que lançar mão, pois? Ainda se não experimentou um governo nacional, um governo em que estejam representadas todas as correntes de opinião e cujas pastas sejam preenchidas por elementos seleccionados. Temos esperança num governo assim. Poder-se-á organisar, quanto antes, para que os espiritos socegueṃ um pouco, a zaragata não alastre e o dia de ámanhã não continue a ser um grande ponto de interrogação?

Aguardâmos.

Jornaes de Viana

Veem cheios de referencias ao modo como foi aqui recebida a excursão promovida pelo *Sport Club Vianense* os nossos colegas da encantadora cidade minhota, que levam ao exagero as amabilidades com que continuam a tratar-nos.

Pena foi que da parte de alguns, poucos, vendedores de comidas e bebidas não tivesse havido aquela correcção que era de esperar e a que os nossos ilustres hospedes tinham direito. Mas se hoje em dia ha tanta falta de escrupulos...

A'S ESCURAS

Devido a uma avaria na maquina geradora da electricidade, Aveiro encontra-se desde anteontem privado de luz, á noite, o que não é das melhores coisas.

Que as autoridades cumpram o seu dever, redobrando de vigilancia.

Bernardo Torres

Subscrição para um mausoleu a erigir ao saudoso republicano e prestante cidadão, cuja campa se acha apenas marcada com o n.º 202.

Transporte	828$00
Dr. Alberto Ruela	10$00
Dr. Barbosa de Magalhães	25$00
Dr. Alfredo Nordeste	25$00
Clemente Bandeira Ferraz (Ovar)	5$00
Henrique Brito	5$00
Antonio José Marques	5$00
Duarte Vidal (Vagos)	5$00
	908$00

Eterna cantata

O sr. dr. Afonso Costa, que de Paris veio passar algum tempo á Serra da Estrela, foi na segunda-feira a Lisboa com o fim exclusivo, dizem as gazetas, de cumprimentar o sr. Presidente da Republica.

Instalado no Avenida Palace, onde recebeu os seus numerosos amigos pessoaes e politicos, almoçou e jantou no Tavares *rico*, embarcando no dia seguinte, de novo, a juntar-se aos seus.

Escusado será dizer que o ex-presidente do ministerio, sacudido do Poder após o triunfo do dezembrismo, voltou a afirmar que, *logo que o considere conveniente e necessario para os altos interesses da Republica, intervirá, decisiva e activamente, na politica nacional.*

A eterna canta de sempre, para enterter, visto ninguem já acreditar na salvação que de Paris hade vir—em manhã de nevoeiro...

SUFRAGIO

Na egreja do Terço, no Porto, comemorou-se o 30.º dia do passamento do nosso malogrado e saudoso amigo Humberto Beça, com uma missa a que assistiu toda a familia enlutada e grande numero de pessoas, achando-se representada a Associação de Jornalistas e Homens de Letras pelo seu presidente, dr. Oliveira Ramos; a imprensa pelo redactor do *Primeiro de Janeiro*, sr. Lopes Vieira, os institutos por varios professores, o comercio, a industria, estudantes e muitos asilados dos internatos *Protecção á Infancia, Mendicidade e Terço*, etc.

No final da tocante e piedosa cerimonia a desolada viuva foi acometida dum deliquio, sendo conduzida para os claustros do templo onde sua familia e muitas senhoras lhe prestaram os indispensaveis cuidados, enxogando-lhe ainda as abundantes e amarissimas lagrimas derramadas por aquele que tanto a exaltou e amou.

Os pobres tiveram, no final, avultadas esmolas.

O Democrata vende-se no *Quiosque Raposo*, praça Marquez de Pombal—Aveiro.

PELA MORALIDADE!

A sindicancia ao Museu de Aveiro

O que Silverio Pereira Junior apurou sobre as falcatruas imputadas ao ex-director Marques Gomes

Relatorio

VII

A reacção clerical em fóco

Recebido o oficio referente á egreja de Jesus e reconhecendo que as autoridades superiores do districto haviam procedido com marcante desprimor para com o Ministro da Instrução, de quem eu era delegado, desrespeitando a determinação dada (fls. 144 do proc. A) *constitui-me na obrigação de a fazer cumprir, fazendo nova aposição de sêlos na egreja.*

Nesse proposito mandei chamar, no dia 17, o prior da freguezia respectiva, padre João Pinto Rachão, a quem avisei que, no dia seguinte, faria cumprir, respeitando-a, a determinação dada pelo Ex.mo Ministro. Retirou-se o padre Rachão sem fazer ao meu aviso o minimo reparo.

Pela tarde, porem, seu procurado pelo sr. Silverio Barbosa de Magalhães que, dizendo-se interprete duma comissão de senhoras, me pedia que sobre-estivesse na deliberação tomada de encerrar a egreja, até ao dia 23, fundamentando o seu pedido no facto de se estarem realisando ali, promovidas pelas referidas senhoras, umas novenas como preparação duma cerimonia religiosa que ali se realisava naquele dia e para a qual despezas varias estavam feitas.

Respondi que ignorava que se estivessem realisando tais novenas, supondo que ali, simplesmente, se dissésse missa, e se fizessem prédicas, a uma, assistindo eu, que, por sinal, desagradavelmente me impressionou, pelo que ouvira ao padre Rachão; que a minha atitude e resolução era originada no desrespeito havido para uma ordem do Ex.mo Ministro da Instrução, *e não no proposito, que não tinha, de afrontar as crenças religiosas* de quem quer que fôsse, *e*, acresceṇtei: *tanto esse é o meu desejo e proposito que*, do melhor grado, *sobreestava na resolução tomada de encerrar a egreja no dia seguinte*, 18 de julho, *o que só faria no dia 24* ou fôsse, *depois de realisada a cerimonia religiosa*, complemento da novena.

Achou louvavel a minha atitude querendo cumprir uma determinação superior, *e, reconhecendo a tolerancia do meu procedimento*, e, agradecendo-a, *retirou-se o sr. Silverio Barbosa de Magalhães, depois de se comprometer a não solicitar de mim nova prorogação depois do dia 23*, compromisso que nobremente cumpriu.

* * *

Na noite do mesmo dia fui procurado pelo ex-governador civil, Costa Ferreira, que, alegando ter recebido um telegrama do Ex.mo Ministro, autorisando-o a abrir a egreja de Jesus,—telegrama que não podia mostrar por não lhe ser possivel encontrá-lo! *me pediu*—fixe V. Ex.ª—*em nome dos interesses politicos locais, que não encerrasse a capela*, deixando que o padre Rachão, *que prometera auxiliá-lo nas eleições camararias*, ali continuasse a exercer actos do culto.

Pasmei, como cargos de tão grande responsabilidade eram confiados a criaturas tão inconscientes, e foi, com mal disfarçada indignação que retorqui, pouco mais ou menos o seguinte: que era meu dever respeitar e fazer respeitar as determinações do Ex.mo Ministro e, respeitando-as, não olharia a interesses politicos de qualquer facção!

* * *

Permita-me V. Ex.ª que interrompa a narração do mais grave incidente que defrontei—aquele a que serviu de pretexto o encerramento da egreja—para que não seja forçado, rememorando factos, a deixar de cumprir com o compromisso tomado no começo deste relatorio: ser calmo, exteriorisando os meus pensamentos com serenidade.

Não a perderei, forçando-me a relatá-los mais tarde.

VIII

Um Muzeu transformado em estabelecimento de «Bric-á-Brac»

Agindo com firmeza
Primeiras apreensões

O pedido de demissão do arguido não me era entregue e eu continuava, entretanto, ouvindo testemunhas, e, pelo que ia apurando, chegára já á conclusão que o Muzeu Regional de Aveiro perdera a sua denominação e caracteristica: não era Muzeu, *mas loja de bric-á-brac*, onde o director arguido *exercia as funções de gerente*, tendo, tambem, *caixeiro viajante*:—o cantoneiro das obras publicas Ricardo Correia, que precorria os lugares proximos, *oferecendo á venda* coisas do Muzeu, *umas vezes por conta* e com auctorização *do gerente*, e outras *por conta propria* (auto de fls. 86) e, para que não oferecesse duvidas a qualidade do estabelecimento, até um quadro exposto, *com anuncio de venda!*

* * *

Como até ao dia 13 de julho o requerimento não aparecesse e, pelo contrario, até mim chegassem informações fidedignas de que o arguido afirmava que os seus amigos de Lisbsa *o aconselhavam a manter-se* no seu lugar, *de que não seria demitido*, facto que se confirmava com o silencio do Ex.mo Ministro—*resolvi nesse dia oficiar ao sr. administrador de Vila Nova de Gaia, pedindo-lhe a apreensão das ambulas de estanho e do taboleiro, que*, pelo despacho do sr. comissario de policia de Aveiro, sr. Faustino de Andrade, *foram mandadas entregar ao comprador* em 28 de abril (documento de fls. 78) e, pelo documento de fls. 77, *se provava terem sido*, pelo comprador sr. Joaquim de Souza, *recebidos em...* 3 do mesmo mez!

* * *

No dia 15 de julho chamei o director arguido para me certificar das suas disposições e impressioná-lo com as minhas, e, longe de se mostrar abatido, respondeu com arrogancia ás perguntas, levando a sua audacia a afirmar (auto de fls. 151) que a venda de azulejos comprados por Sebastião Rodrigues da Conceição (auto de fls. 86) e vendidos pelo cantoneiro Ricardo Correia, *em 1920 ou 1921*, fôra autorisada pelo sr. dr. Rodrigo Rodrigues que foi governador civil de Aveiro, desde principios de 1911 *até setembro do mesmo ano* e pelo sr. dr. Manuel Joaquim Correia, que fôra delegado da comarca, *até principios de abril de 1912!*

O director arguido, confessando (auto de fls. 151) que Ricardo Correia *não tinha nenhum encargo no Muzeu*, assume toda a responsabilidade das vendas feitas por ele».

* * *

Integrei-me, então, firmemente na missão de sindicante e comecei por dar cumprimento ás determinações do Ex.mo Ministro.

Assim, convidei o sr. Francisco Augusto da Silva Rocha, que á qualidade de director da Escola Industrial, alia a de republicano, a aceitar e exercer, interinamente, o cargo de director do Muzeu Regional.

Do resultado do meu esforço, junto do sr. Silva Rocha, dei conta á Direcção Geral de Belas Artes no seguinte

Oficio

datado de 18 de julho (fls. 152)

«Em cumprimento da auctorisação que me foi comunicada em oficio de V. Ex.ª sob o n.º 127 de 12 de julho corrente, convidei em nome de S. Ex.ª o Ministro, o Director da Escola Industrial desta cidade, sr. Francisco Augusto da Silva Rocha a assumir, interinamente, a direcção do Muzeu, convite que o mesmo sr. por motivos absolutamente justificados, declinou, agradecendo e indicando como pessoa competente para dirigir o referido Muzeu, o professor do Liceu Central «Vasco da Gama», José Pereira Tavares.

Efectivamente, procurando informar-me ácerca das qualidades e conhecimentos do referido professor para o exercicio do cargo de Director do Muzeu, averiguei que se trata de uma pessoa absolutamente honesta e muito inteligente. Não possue, é certo, conhecimentos especiaes sobre o assunto de arte, mas tem uma preparação geral muito apreciavel que, aliada á sua inteligencia, ao seu brio e bôa vontade, nos faz prever que num prazo, relativamente curto ele esteja á altura do lugar de Director do Muzeu.

Nestas circumstancias e por

que era urgentissimo nomear alguem para o cargo vago pela suspensão do sr. Marques Gomes, que dirija o cuidadoso trabalho de limpeza que urge iniciar, e que o fiscalize,—procurei o professor referido a quem servindo-me da mesma auctorisação, convidei em nome de S. Ex.ª o Ministro, a aceitar o cargo de Director do Muzeu Regional, convite que aceitou pelo muito amor e interesse que dedica ás coisas desta terra, de onde é natural.

Tenho, pois, a subida honra de propôr a V. Ex.ª a nomeação do professor do Liceu José Pereira Tavares para Director interino, do Muzeu Regional desta cidade, nomeação que urge fazer.

Permita-me portanto V. Ex.ª que afaste de mim toda e qualquer responsabilidade não só na demora na execução desta proposta como nos incalculaveis prejuizos de toda a ordem a que essa demora pode dar lugar„.

(Prossegue no proximo numero)

Necrologia

José Ferreira Gonçalves

Mais um republicano de sempre que nos deixa, encetando a longa viagem do outro mundo.

Morreu José Ferreira Gonçalves, lidimo caracter e um dos vultos de maior proeminencia no meio comercial do Porto, onde fixára residencia quando, ainda moço, se entregou ao trabalho, na ansia de adquirir, no futuro, como adquiriu, a compensação do seu esforço.

Fez parte do *comité* revolucionario de 31 de Janeiro, após o que teve de homisiar-se; com o dr. Magalhães Lima havia já auxiliado a fundação do *Seculo* e mais tarde deveram-lhe tambem largos beneficios *A Discussão, O Norte* e *A Patria*, diarios de propaganda vindos á luz da publicidade na capital do norte.

O Democrata, sentindo a perda do energico lutador, cuja honestidade é apontada como um grande exemplo a seguir, curva-se deante do seu corpo hirto, inanimado, sem acção, solidarisando-se com os velhos propagandistas da Republica que neste momento o choram.

Pimenta Barbosa

Surpreendeu-nos tambem, esta semana, a noticia da morte, em Viana do Castelo, do director de *A Vida Nova*, jornal que ha 13 anos tanto se destacou nas referencias feitas aos aveirenses que visitaram aquela cidade e com quem tivemos ocasião de travar relações, que se mantiveram inalteraveis até o momento de se despedir da vida.

Pimenta Barbosa, que durante a *traulitania* viu desaparecer a gazeta contra a qual investiram os adeptos da monarquia do norte, fundou, mais tarde, com o sr. dr. Rodrigo de Abreu, *A Voz Republicana*, que o teve por redactor e a cuja expansão se dedicou afincadamente só deixando o seu logar quando a doença sobreveio, atirando-o para o leito donde nunca mais se ergueu.

Trabalhador infatigavel, jornalista vigoroso, amigo leal, é com profunda magua que traçamos estas linhas, associando-nos ao luto dos nossos colegas da *Voz* e enviando a sua esposa, não palavras de conforto, porque não as temos, mas as sentidas condolencias de quantos trabalham no *Democrata* e com ela pranteam a morte do estimado cidadão.

D. Cecilia Ruela

Aos estragos dum mal que não perdôa, sucumbiu ante-ontem, após doloroso e prolongado sofrimento, a unica filha do antigo contador da comarca, tambem já falecido, sr. dr. Joaquim Manuel Ruela.

Contava 20 anos, apenas, e era solteira. Dotada de todas as virtudes que enobrecem uma mulher, a inditosa senhora desaparece no florir da vida, quando os encantos e as ilusões mais se acentuam, deixando feridos profundamente no melhor dos seus afectos, sua desolada mãe, tia e irmãos, srs. Augusto e dr. Alberto Ruela, a quem apresentâmos sentidos pêsames.

Por falecimento de seu pae acha-se egualmente de luto o sr. Francisco Lopes Gama, socio da firma Moreira, Gama & C.ª.

O nosso cartão de condolencias.

Padre Barbosa da Silva

Passou na terça-feira o primeiro aniversario da morte do capelão de cavalaria 8, que foi um bom padre, um bom republicano e um exemplar chefe de familia.

Notas mundanas

Realisou-se o enlace da gentil tricaninha Rosa Santos com o sr. Artur Ferreira dos Santos, negociante.

Por parte da noiva testemunharam o acto o sr. Henrique Rato e a sr.ª D. Delfina Lima Franco e por parte do noivo o sr. Manuel José da Cruz e sua esposa, na residencia de quem teve logar tanto o acto civil como o religioso.

Aos noivos apetecemos-lhes uma larga existencia repleta de felicidades e amor.

— Está perigosamente enferma a veneranda mãe dos srs. Eduardo e Luiz de Pinho das Neves.

— Depois duma larga ausencia em Lourenço Marques encontra-se na sua casa da Quintã do Loureiro, junto de sua familia, o nosso assinante, sr. José Gonçalves de Sousa, a quem cumprimentamos.

— Tambem chegou a Nariz, vindo da California, o sr. Antonio da Silva, que gosa da estima de todos os seus conterraneos.

— Com sua esposa seguiu para as termas de S. Pedro do Sul o sr. dr. Antonio Carlos da Silva Melo.

— Teve o seu bom sucesso dando á luz um menino, a esposa do sr. Laurelio Guimarães.

— Fez ontem anos a sr.ª D. Alda de Melo Cardoso Couceiro, dedicada esposa do considerado clinico, sr. dr. Eugenio Couceiro.

— Hoje fa-los a sr.ª D. Maria Ludovina Gamelas e ámanhã o sr. dr. Manuel Maria de Almeida d'Eça.

O que faz o progresso

Lisboa á coisa boa. Mas depois que as dactilografas começaram a dar entrada nas secretarías do Estado passou, então, a ser coisa ainda melhor para os empregados que nelas fazem tambem serviço.

Eis o que a um jornalista foi dito por um velho chefe de repartição:

—Olhe, senhor, as coisas são o que são! Eles veem de casa aborrecidos do *ménage*, fartos de ver as esposas em trajes *simples*, porque nestes tempos, certamente, uma dona de casa não pode, logo de manhã, estar apéraltada para parecer bem ao marido. Chegam á repartição e veem passar o dia em convivencia de *camaradagem* com as empregadas, todas *chics*, bem postas, enfeitadinhas e pintadinhas de fresco! Já se deixa vêr; a carne é fraca...eles fazem oficios, mas não são de papel e depois... o diabo tece-as! Já tem havido disparates...

Realmente o progresso entrou numa fase tal que um homem se vê agraviado para resistir ás tentações do belo sexo...

Porque foges, Flautas?

O *Flautas*, sempre que nos vê, perde oito tostões.

Ainda ha pouco, no teatro, isso aconteceu. Assomando a uma das portas, o alma do diabo já não teve coragem de avançar: vêr-nos, dar uma reviravolta e pôr-se ao piro, foi obra dum momento!

Porque foges, *Flautas?*

Correspondencias

Costa do Valado, 30 de agosto

A gatunagem anda desenfreada pelos nossos sitios, levandonos a acreditar na existencia de uma quadrilha que tenha assentado arraes por aqui perto.

Ainda ha pouco se deu por um roubo importante praticado na Gandara e já hoje vimos registar mais dois: um feito ao sr. Antonio Gonçalves Português, a quem levaram de dentro dum cofre uma porção de moedas de prata no valor aproximado a 800$00 e outro de que foi vitima o negociante de gados, Fernando dos Santos, cuja casa os larapios assaltaram, mesmo de dia, locupletando-se com 4 contos em dinheiro.

Como qualquer apêlo ás autoridades seja o mesmo que prégar no deserto, lembrâmos que uma intensa vigilancia seja exercida a ver se algum dos meliantes pode ser agarrado. E depois —já se sabe—é fazer-lhe o mesmo que ainda ha pouco os lavradores das proximidades de Vagos fizeram ao autor de varios assaltos ás suas propriedades — aplicar-lhe o competente correctivo.

Só assim.

—Com sua familia chegou de Lisboa o nosso patricio e amigo, sr. José Rodrigues Ferreira, que conta ir passar o mês de setembro á Costa Nova.

C.

Banho forçado

Antonio da Silva, natural de Nariz, chegado ha pouco da California, comprou uma bicicleta em que dá os seus passeios. Veio a Aveiro. E como quer que fossem horas de comer alguma coisa, dirigiu-se ao Restaurante do José Pisão onde abancou. Um dos creados, porêm, vendo a maquina parada, mesmo sem licença, atira-se para cima dela e ele aí vai, todo satisfeito, pela beira do caes em fóra. Mas—ó tristesa das tristesas! — ainda bem o homem não tinha dado meia duzia de pedaladas e eis que o abismo se lhe abre, escancarado, recebendo-o a agua em seu seio como ao mais pintado dos banhistas!

O que valeu foi acudirem-lhe depressa e á bicicleta, evitando que os peixes se espantassem deante daquilo que para eles deve constituir novidade—o meio de transporte de que o creado se serviu para lhes fazer uma visita...

Se ia nas horas de estalar...

Por Oliveira de Azemeis

O sr. dr. Pinho Rocha é o prototipo do pantomineiro ganancioso

Da sua palavra de honra já fica escrito o bastante para não haver duvidas sobre a sua natureza e, portanto, avaliado o infimo quilate da sua dignidade, mas mais provas ha que atestam a falencia desta.

Um dia foi chamado a prestar serviços clinicos a um empregado do Vale do Vouga que morava com a familia no logar de Vila Cova de S. Tiago. Este homem era portador duma tuberculose pulmonar, confirmada pelos bacilos de Roch encontrados na expectoração. O seu estado agravava-se dia a dia e os medicos que o tinham examinado, deram-no como irremediavelmente perdido a breve trecho. A fusão pulmonar galopava desenfreadamente, atropelando-lhe a vida. Na casa desse desgraçado um rancho de creancinhas brincava despreocupadamente, pegando em tudo quanto do pae vinha, metendo para a boquita punhados de bacilos. Os medicos chamaram a atenção da familia, fazendo-lhe vêr o perigo. Foi a maior recomendação que fizeram á mulher, que, momento, a momento esperava envergar o habito da viuvez.

Recordo-me bem do dr. Adriano Pinheiro, medico no Couto de Cucujães, dizer-lhe, ao transmitir as conclusões duma conferencia, que mal andava em trazer assim os filhos, pois era atear a chama da devoradora tuberculose. Recordo-me perfeitamente dessa ocasião, porque os olhos dessa pobre mulher, inundados de dôr, causaram-me uma profunda e extraordinaria impressão, tiveram um não sei quê de misterioso, de invulgar, quando o colega Adriano, ao ser-lhe preguntado quanto era da conferencia, em tom baixo, amigavel, confortante respondeu, *não é nada.*

A desolada esposa depreendeu do que lhe disse o medico que era um caso perdido, que era uma vida a extinguir-se e que essa esmola, o ultimo adeus. O sr. dr. Pinho Rocha, porem, numa inconsciencia de ignorante e aguilhoado pela ganancia não trepidou em afirmar que os outros medicos não sabiam do que se tratava; que o seu diagnostico era um erro crasso; que, se mais tempo demoravam em chama-lo, já não o podia salvar. Prometeu a cura.

A pobre mulher sentiu dialbar-lhe na alma martirisada a felicidade conjugal, a alegria do lar. E, como boa esposa, entregou a assistencia ao medico que tantos elogios fazia á sua personalidade e tanto mal vociferava dos outros, convencida de que tinha, finalmente, encontrado o salvador do seu marido, *o homem da ciencia perante o qual a morte recúa.* Essa infeliz, na sua ingenuidade, nunca imaginou que houvesse um medico tão maligno que, aproveitando-se do tresloucamento da dôr, fosse capaz de explorar a bolsa dum lar em que a pobresa dominava ha muito e a orfandade espreitava de perto. Olhou para o sr. dr. Rocha como se fôra um Deus e escutou as suas tretas, as suas pantomimas, como expressões dum sabio, como verdadeiras anunciações da ressurreição. E dias e dias para lá cavalgou, recebendo da magra bolsa desse pobre casal a remuneração dos seus serviços inuteis. Nesse velho casebre sobre que piava o lububre môcho, ancinhavam as unhas do sr. dr. Pinho Rocha sem o mais fugidio arrepio. Envoltas em negros farrapos descortinou algumas notas e cada vez mais alimentava nos familiares a esperança no restabelecimento. Depois de algumas visitas feitas, pensou ajuntar á medicina a cirurgia como mais rendosa e delineou fazer-lhe uma pleuratomia para dar saida ao pús da fusão pulmonar. Para isso abeirou-se do facultativo municipal da freguezia e expoz-lhe os seus desejos. Este, tendo opinião contraria, não anuiu ao pedido para ser o ajudante da operação. Em face da recusa, baseada na opinião unanime de todos os mestres e nos conhecimentos que devem ter todos os medicos e mesmo estudantes de medicina de que essa evacuação do pús é um precipitar para a morte, o sr. dr. Pinho Rocha, vendo escapar-lhe a ocasião de ganhar mais dinheiro, atirou, em atrevimento escandaloso, esta bujarda ao colega; *visto não querer-me ajudar e eu não poder operar só, o rapaz morre.* Percebendo o alcance das suas intenções, repeliu o medico do partido semelhante responsabilidade e aceden ao convite. Foi ajudante do emerito operador. Quando o pús golfou pela fenda costal, enquanto o operador percorria os seus olhares de satisfação pelos circunstantes atonitos perante tão grande saber, o ajudante segredava-lhe: *o buraco está feito, não ha duvida; fechar é que não sei se fecha.* Atraz da operação, como consequencia forçada, vieram os curativos, mais essa pingadeira, e o sr. dr. Pinho Rocha continuava a alimentar a ideia da cura. Nem mesmo depois do segredinho do ajudante, o operador arrepiou caminho, deixando de taramelar pantomimas, de intrujar a familia do doente. Foram taes e tantas as tretas do dr. Pinho Rocha que naqueles sitios já se dizia: *se não tivessem chamado o sr. dr. Pinho Rocha, o doente morria. Aquilo é que é um medico!*

E o *ilustre* clinico, fazendo de numerador, sobre o seu ginete passava empavonado. Recebia gostosamente os louvores e, com ganancia, o dinheiro do pobre.

Pouco tempo depois da operação, morria o doente. Pelo golpe babava ainda o pús. De dentro dos negros farrapos tinham desaparecido os notas. O segredo do ajudante foi uma verdade cientifica; o despejo das notas, uma verdade de alta finança em que é eximio o sr. dr. Pinho Rocha, que faz da medicina uma mercearia de luxo.

E a um traficante destes permite a lei que lhe seja concedida autorisação para clinicar!

Pobre humanidade!

Lopes de Oliveira,
Medico

Passeio fluvial

Todas as associações locais, clubs e bombeiros realisam, ámanhã, uma festa de confraternisação na Mata de S. Jacinto onde se dirigirão em barcos devidamente ornamentados.